

El lugar del hijo – As metáforas de um continente órfão

Por Ivonete Pinto (RS)

O Uruguai é um país com três milhões de habitantes, que mesmo quando produzia cerca de dois filmes por ano, não faz muito tempo, os dois costumavam ter uma qualidade estética, narrativa e temática muito acima da média se comparada aos filmes de seus vizinhos Brasil e Argentina. A boa notícia é que agora alcançando uma produção de oito títulos anuais, a qualidade continua sendo sua marca principal, como demonstra o título “El Lugar del Hijo” (2013), de Manuel Nieto.

Depois de ter passado pela Mostra de São Paulo e pelo Festival de Toronto, “El Lugar del Hijo” ganhou, entre outros prêmios, o de Melhor Filme pela crítica, oferecido pela Fipresci na 35ª edição do Festival Internacional del Nuevo Cine, de Havana. Era o único representante do Uruguai, numa lista de 21 filmes em competição na categoria longa-metragem de ficção. No 18º Festival de Cine de Lima, Peru, Manuel Nieto recebeu o prêmio de Melhor Diretor. Na última edição do Festival de Cinema de Gramado, concorrendo com mais quatro títulos na mostra latina, conquistou o Kikito de Melhor Filme, Melhor Roteiro (Manuel Nieto) e Melhor Ator (Felipe Dieste).

Lançado inicialmente no estrangeiro com o título “The Militant”, “El Lugar del Hijo” tem parte de sua produção custeada pela Argentina. No entanto, dificilmente poderia se passar no país ao lado porque faz reflexões sobre um Uruguai profundo, aquele que tem entranhas culturais com características próprias, inalienáveis.

“El Lugar del Hijo” – diferente de grande parte dos filmes concorrentes em festivais que valorizam a linguagem –, apresenta sua trama logo no início: em Montevideu, durante uma assembleia de estudantes que ocupam a universidade em um ato político, Ariel (Felipe Dieste) recebe a notícia da morte de seu pai. Ele viaja a Salta, no interior, para acompanhar o enterro e lá enfrenta uma sequência de acontecimentos que vão mudar sua vida radicalmente. Seu pai deixou dívidas, uma fazenda hipotecada, e a casa em que vivia passa a ser ocupada pelos parentes da namorada, ou amante ocasional (ninguém sabe exatamente o que a mulher representava para o pai). A família da mulher ocupa também o quarto do jovem, não lhe deixando outra opção se não dividir com um velho cão, a garagem do subsolo da casa.

Extensível à dimensão temática dos estudantes universitários, temos também elementos de ordem política e ideológica sem os quais não entenderíamos as metáforas do filme. No espaço universitário, o comportamento dos estudantes nos mostra que esta geração é por demais despolitizada e que investe seu tempo mais para discutir como organizar uma festa para arrecadar fundos do que para refletir sobre as razões da greve e da ocupação do lugar. Ocupação de fato aconteceu no início da década passada no Uruguai e que dá um filme um caráter documental. No interior, em Salta, o estudante se engaja na luta dos trabalhadores sindicalizados, conexas a dos estudantes. Eles possuem táticas mais agressivas, como a estratégia da greve de fome, mas que tampouco avança na dialética da relação Estado X Trabalhadores.

A terceira dimensão que o personagem enfrenta é a do Uruguai mais profundo, quase feudal, onde os camponeses que trabalhavam na fazenda para seu pai, que há seis meses

não recebem salário, apresentam um comportamento beirando a selvageria, isto se utilizarmos uma perspectiva do *modus vivendi* urbano.

Se no âmbito dos estudantes o jovem Ariel – aliás, já não mais tão jovem, pois tem 25 anos – é uma figura deslocada, se na casa do pai não temos vestígios da mãe e se lá estranhos invadiram seu espaço, no campo este deslocamento é mais radical. Ele simplesmente não entende os códigos de sobrevivência dos camponeses e não consegue assumir o papel de “patrão”. No extrato do campo, com cenas noturnas que propõem climas de suspense inclusive, temos pequenas alegorias de uma luta de classes que soa anacrônica nos dias de hoje, mas que mesmo assim está lá, viva e violenta.

Em referências rápidas e sutis, o filme de Manuel Nieto vai compondo um painel de um continente sul americano absolutamente desorientado. Certamente não é gratuita a menção de que o pai era de formação marxista e que não soube lidar com a lógica daquela economia do campo. Numa informação extrafílmica, cabe lembrar que o Uruguai foi considerado a “Suíça da América do Sul”, onde além de um padrão de vida invejável, exibia uma intelectualidade de alto nível, que cultivava os livros como um bem de consumo dos mais preciosos. No entanto, este mesmo país tinha – e ainda tem – sua economia baseada na agropecuária, num paradoxo indefensável entre o pensamento mais sofisticado e a brutalidade da matança de animais.

Não vemos o pai do protagonista, se não por uma fotografia, mas compreendemos que sua geração não logrou alcançar um equilíbrio entre as ideias e as ações. Sua herança para a humanidade é um filho discapacitado, alguém que sofre de uma deficiência física que o deixa com a fala arrastada e os gestos rotos. Este rapaz, que ao final também perde a recém-conquistada namorada, seu único vínculo sentimental com o mundo, é vivido por um ator não-profissional, Felipe Dieste. Sua performance vai além da verossimilhança já que ele também sofre da deficiência, sendo que o diretor teria escrito o personagem pensando em dar a Dieste para interpretá-lo. A metáfora, assim, ganha nova dimensão.

É elogiável o trabalho de Manuel Nieto neste roteiro original e na direção. Aos 40 anos, tendo estudado Comunicação na Universidade de Montevidéu e trabalhado também na TV, tem no currículo o fato de ter participado do exitoso projeto de “25 watts” e ter assinado apenas um longa anteriormente, “La Perrera” (2013). O vigor que demonstra em “El Lugar del Hijo” faz dele uma promessa bastante confiável.

*Este artigo foi parcialmente publicado no site da Fipresci com o título de “The Metaphors of an Orphan Continent”